



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

11848 - Resumo Expandido - Trabalho - 15a Reunião da ANPEd – Sudeste (2022)

ISSN: 2595-7945

GE Cotidianos - éticas, estéticas e políticas

CORPOS NAS ESCOLAS: DIÁLOGOS NO COTIDIANO ESCOLAR

Teresa Vitoria Fernandes Alves - UERJ - FFP - Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Juan Leal Garcia - UERJ - FFP - Universidade do Estado do Rio de Janeiro

CORPOS NAS ESCOLAS: DIÁLOGOS NO COTIDIANO ESCOLAR

Pesquisadores (as) e atuantes como professores (as) da Educação Básica, discutimos a respeito dos resquícios e permanências da educação tecnicista na escola do século XXI. Colocamos sob suspeita a quadra esportiva da escola, ocupada predominantemente por corpos-sexo/gênero masculinos. A proposta deste artigo é observar a quadra esportiva e, a aula de Educação Física, como um espaço e disciplina escolar fundamental para pensarmos sobre as performances de gênero, o binarismo sexual e a heteronormatividade.

Os corpos falam nos espaços escolares, mas muito pouco se discute na escola sobre a multiplicidade desses que ali estão presentes: corpos que estão dentro dos padrões normativos do sistema sexo/gênero e corpos fora desses padrões. Corpos que são racializados, efeminados, discriminados. Corpos que são divididos em belos e feios, brancos e pretos, masculinos e femininos, magros e gordos, altos e baixos.

Ao pensarmos sobre esses corpos - classificados, hierarquizados e violentados - que circulam nos diversos espaços da escola, os que estão e os que não estão representados em recursos como os livros didáticos, cartazes e filmes; nos questionamos sobre as possibilidades de atuarmos como professores (as), de forma interdisciplinar, a fim de construirmos novos olhares para a diversidade de corpos presentes na escola e na sociedade.

Comprendemos a escola como um lugar específico, com características determinadas, aonde se vai, onde se permanece certas horas de certos dias, e de onde se vem (VIÑAO, 2005, 17). Este espaço-lugar regrado pelas horas do relógio e pela exigência de

uma disciplina determinada pelos currículos escolares, normas comportamentais, e valores de competência e produtividade, se configura ainda como uma instituição disciplinar moderna, tal qual, descreve Michel Foucault em sua obra *Vigiar e Punir*. Basta olharmos para sua arquitetura, disposição mobiliária, performance dos (as) professores (as), os diários de classes e os rituais de avaliação. Muitos de nós professores (as) idealizamos a escola e suas tecnologias disciplinares como o lugar de formação do cidadão.

Richard Miskolci e Guacira Lopes Louro vêm estudando nas duas últimas décadas sobre os laços profundos entre educação e normalização social e propondo o olhar *queer*, de estranhamento às normas como forma de romper com as demandas educacionais e seus conteúdos normativos violentos. Alertam para que os(as) docentes sejam capazes de pensar e questionar o binarismo sexual e a heteronormatividade, instrumentalizando e empoderando os sujeitos para que possam se sentir mais seguros para circular em todos os espaços escolares e, assim, tenham de fato uma formação cidadã, ética, que respeite a pluralidade de ser sujeito no mundo.

A heterossexualidade e o heterossexual foram instituídos como a posição e sujeito centrais da cultura ocidental moderna (LOURO, 2008, p. 56). Se na Educação Física visualizamos a centralidade na hegemonia masculina e de valores viris na quadra de esporte, nos livros didáticos de História e em outras disciplinas, identificamos esta posição do sujeito masculino branco, heterossexual e ocidental muito presente em nossa cultura. Ao invés de reproduzir os modelos sociais de ser homem ou mulher - masculino ou feminino, hetero ou homossexual - a escola deve ser o lugar de desconstrução dessas identidades supostamente estáveis e naturais, que hierarquizam e discriminam sujeitos. A sala de aula de História e a quadra de esportes juntas podem propor algo distinto, não normalizador ou compulsório, um educar fincado não em modelos e conteúdos que o precedem, mas, antes na experiência mesmo do aprender. (MISKOLCI, 2012, p.12)

O espaço-lugar escola muito pouco mudou desde o século XIX, a despeito das grandes transformações científicas e tecnológicas tais como a informática e a *internet*, e as mudanças comportamentais e culturais que determinaram uma cultura da juventude desde os anos 1960. Seu exterior e seus espaços internos são cheios de significados que permanecem para aqueles que circulam no ambiente escolar – alunos (as), pais e responsáveis, professores (as), diretores (as), coordenadores (as) pedagógicos (as), merendeiras, auxiliares de serviços gerais e funcionários técnicos administrativos.

De geração em geração a percepção do espaço-escolar fragmentado e hierarquizado é internalizado e naturalizado. A quadra de esportes, o pátio de recreação, o gabinete ou a sala da direção, a secretaria, o refeitório, o laboratório de ciências e a sala de aula são espaços internos cujas funções são claramente reconhecidas por aqueles que fazem parte do contexto escolar. Poucos são os que ousam transgredir suas fronteiras e funções de modo que reflitam sobre a relação que esses espaços têm com o fora da escola, isto é, com as relações sociais e de poder que ali reproduzem. Neste sentido, nos perguntamos: Por que a quadra de esportes é

ocupada predominantemente por corpos de sexo/gênero masculino? De que modo, as aulas de Educação Física se configuram como espaço-tempo em que a performance de gênero masculino e feminino é reafirmada e exaltada? Como ficam os corpos dos sujeitos que escapam e recusam a se enquadrar nesse binarismo sexual?

Essas são algumas das questões que permeiam nossas discussões neste artigo. Ressaltamos que ele apresenta ideias e conceitos que podem ser úteis para refletirmos sobre nossas ações no espaço escolar e que sejam capazes de mudar nossa *práxis*. É inegável que a escola reflete, ao mesmo tempo que reproduz os conflitos de gênero, geração, de raças/etnias, religiosos e de classes de nossa sociedade. Toda sua arquitetura e fronteiras artificiais, os rituais de entrada, saída e recreio, a disposição das mesas e cadeiras, o tempo da aula, o livro e a lousa, a performance professoral se esforçam para abafar esses conflitos, mas eles fracassam. E nos frustramos com esse fracasso, adoecemos, fugimos, desistimos, alguns se mutilam outros matam ou se suicidam.

Nessa perspectiva que compreende a escola como espaço-tempo de formação do cidadão mas onde se espelha e reproduz os conflitos sociais, onde vigora tecnologias sociais e disciplinares que enquadra os corpos em feminino e masculino e exerce uma pedagogia da masculinidade, nos propomos a refletir sobre os corpos dos estudantes e a quadra de esporte da escola, já que a arquitetura escolar pode ser compreendida como “um discurso material e forma de linguagem não-verbal que transmite hierarquias, valores, princípios de ordem e classificação, representações mentais e, como tal, linguagem, significados simbólicos ou reais mais ou menos evidentes” (BENITO; ZARAKIN citado em VIÑAO, 2005, p. 18).

A permanência da pedagogia tecnicista, ainda hoje nos espaços escolares, tem como base uma educação que privilegia a lógica da instrução e a transmissão da informação, que se caracteriza pelo ensino fragmentado tal qual o espaço-escolar. Nesse sentido, propomos o Corfebol, esporte holandês de quadra obrigatoriamente misto, que estabelece uma relação de equidade entre todos os jogadores, e o trabalho com os arquivos escolares para desconstruir a predominância do sexo/gênero masculino a partir da quadra de esporte da escola. Por meio do diálogo interdisciplinar (História e Educação Física), desejamos que os (as) discentes sejam levados (as) a refletirem sobre seus corpos e os lugares que ocupam e como ocupam.

Bibliografia

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1987.

LOURO, Guacira Lopes. **Um corpo estranho: ensaios sobre sexualidade e teoria queer**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

MISKOLCI, Richard. **Teoria Queer: um aprendizado pelas diferenças**. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.

VIÑAO, Antonio. “Espaços, usos e funções: a localização e disposição física da direção escolar na escola graduada”. In: BENCOSTTA, Marcus Levy Albino. **História da Educação, Arquitetura e Espaço Escolar**. São Paulo: Cortez: 2005.

